

## Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em Educação

Elcie F. Salzano MASINI \*

**RESUMO:** *O artigo destaca alguns pontos do enfoque fenomenológico, particularmente importantes para o pesquisador em Educação, na medida em que permitem uma melhor compreensão do ser humano.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Fenomenologia. Filosofia da Educação. Psicologia da Educação.*

### I - Introdução

Nestas páginas procuramos abordar alguns pontos que nos parecem importantes para assinalar a contribuição que a Fenomenologia poderá oferecer ao pesquisador em educação.

Não temos formação em Filosofia e tão pouco a pretensão de discorrer sobre Fenomenologia – campo do filósofo. O que exporemos é apenas o que surgiu numa experiência pessoal, na busca de um caminho que respondesse melhor às necessidades de compreender o educando. O que apresentamos é fruto de um trabalho profissional ligado à Psicologia Educacional e da realização de duas pesquisas desenvolvidas no enfoque fenomenológico.

Parece-nos ainda importante ressaltar que alguns autores consideram incorreto falar em Fenomenologia, pois há diferenças entre fenomenólogos. Tentaremos trazer aqui pontos que caracterizam o enfoque fenomenológico, apenas como introdução a um caminho possível para compreender o ser humano.

---

(\*) Professora Associada do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

## II - Tentativa para elaboração de um esboço do nascimento da fenomenologia

A Fenomenologia de Husserl germinou no fim do século XIX, princípio do século XX, numa tentativa de resolver o problema da crise das ciências do homem e da Filosofia.

*Tanto as ciências humanas como a Filosofia estavam em situação de crise. Pesquisas Psicológicas e Sociológicas tendiam a apresentar o pensamento e a própria Filosofia como resultado de condições psicológicas e sociais exteriores. Se o pensamento ou qualquer princípio orientador era o resultado momentâneo de condições exteriores (portanto contingentes e particulares), as razões pela qual se fazia qualquer afirmação deixava de constituir-se como verdadeira. Assim as ciências humanas acabavam erradicando seus próprios fundamentos. Os postulados dos psicólogos e sociólogos eram cunhados de dúvidas e de ceticismo quanto à existência de um conhecimento verdadeiro. Nessas condições a Filosofia perdia a razão de ser.*

Husserl mostrou que o problema consistia em tornar possíveis, novamente, a Filosofia e as ciências do homem; repensando seus fundamentos e restituindo ao filósofo seu destino de definir e tornar conscientes as condições de uma humanidade, ou seja uma participação de todos de uma verdade comum.

Husserl passou a lutar contra:

1) o psicologismo que reduz a Lógica ao Empirismo (dizendo como as pessoas pensam) e não como deveriam pensar (deixando de ser normativa);

2) por outro lado, lutava também contra o logicismo desde que este pretendesse alcançar o acesso à verdade, sem contacto com a experiência contingente.

*O Positivismo, que dominava a ciência nessa época, recebia de duas vertentes filosóficas opostas (o Realismo e o Idealismo) o embasamento de que o Sujeito está separado do mundo e que o conhecimento humano é uma representação de um Sujeito-sem-mundo, desse mundo separado do Sujeito.*

*No Empirismo Inglês (do qual o Positivismo é uma espécie de reedição) o conhecimento era considerado uma representação passiva de um mundo que se encontrava separado do cognoscente. A faculdade cognoscitiva do homem era vista como uma tábula rasa, e a Realidade do mundo é que predominava.*

*No Racionalismo de Descartes, a ênfase dada a um Sujeito racional (um eu isolado subsistente por si mesmo) constituía fundamento da Filosofia – caracterizava o Sujeito em si mesmo, levando a descobrir as regras inerentes ao pensar que explicitava a racionalidade própria do pensar. Enfatizava um eu racional que se apreendia com uma razão que era basicamente dedutiva. O conceito de verdade*

*para Descartes era de um conhecimento matemático, lógico, onde não era levado em conta a estrutura subjetiva – conhecimento certo era o que estava de acordo com o pensar matemático. O real físico, matemático (o objetivo) se constituía assim realidade em si.*

*O Positivismo concentrando essas tendências, acentuou uma atitude naturalista, na qual: a objetividade se constituía um fim em si mesmo e não podia ser contestada; o modelo de ciência era o das ciências naturais, negando a especificidade das ciências humanas; era suficiente aplicar de modo pragmático os métodos das ciências naturais (especialmente os métodos experimentais), sem explicações epistemológicas ou filosóficas; via a ciência e a técnica como neutros e seu valor estava na utilização que delas se fazia.*

Husserl desenvolveu uma meditação acerca dessas Teorias do Conhecimento. Criticou o Empirismo que só levava em conta os processos psicológicos envolvidos no conhecimento, sem considerar a Lógica e qualquer tipo de Ontologia. Criticou o Racionalismo que considerava verdadeiro (correto) o conhecimento de um eu racional que se apreende com uma razão que é basicamente dedutiva – da Lógica formal do pensar matemático – onde jamais foi levado em conta a estrutura subjetiva.

Husserl propôs um retorno ao homem, visto como pessoa, na sua totalidade. Opondo-se à atitude naturalista, enfatizou uma atitude do pesquisador, na qual a estrutura do mundo ambiente pessoal é focalizada em suas relações essenciais com a estrutura da vida pessoal, com os objetos do mundo ambiente, com as pessoas com as quais se partilha algo comum na experiência, pensamento, ação.

A Fenomenologia moderna vai vincular o Sujeito psicológico aos processos Lógicos e à Ontologia, mostrando que não podem ser separados. Começou assim a focalizar o Conhecimento, aproximando o Psicológico, o Lógico e o Ontológico sem fundi-los, fazendo ver que não são autônomos, mas sim que estão entrelaçados.

A Fenomenologia de Husserl é uma Filosofia do século XX que visa clarear onde o conhecimento científico ganha apoio, pois as ciências imbuídas da visão psicologicista, ou logicista do conhecimento estão sem fundamentos.

Que fundamentos são esses que Husserl busca?

É o retorno ao mundo presente para cada um, as coisas sobre as quais não pensamos e que compõem o nosso cotidiano. Esse saber de que dispomos é que é preciso explicitar – saber que é sempre histórico e cultural. Esse mundo, dado histórica e culturalmente, o qual jaz no esquecimento, é que constitui o fundamento originário onde o Sujeito se encontra. É isso que Husserl propõe retomar. Revela confiança na ciência essa vontade de assentar as suas bases com solidez. Nessa busca fez um duplo movimento; o de sair da ciência buscando o ante racional, e o de mergulhar a ciência no pré-reflexivo.

Husserl fez assim a Proposta de um fundamento rigoroso. Retomou o conceito de verdade que deixou de ser o de um conhecimento científico, fundado numa concepção racional. Voltou a uma Filosofia rigorosa que levava em conta a Subjetividade e implicava a volta ao mundo da vida, (valores/crenças/ações conjuntas) a partir do qual o ser humano se reconhece como aquele que pensa, a partir do mundo que está aí.

A Fenomenologia partiu pois da vida que jaz no esquecimento, retornando ao pré dado (ao como o mundo possui e adquire sentido e valor na nossa vida consciente<sup>1)</sup>) numa atitude de furtar-se à validação e comprovação do mundo dado.

A Fenomenologia tem sua identidade assegurada pelo sentido dado ao fenômeno. Nisto se diferencia de todas as outras posições filosóficas, para as quais a palavra fenômeno tem a conotação de ilusão. A Fenomenologia vai mostrar, ao contrário disso, que o mundo é o fenômeno – aquilo que se mostra – não há nada além, está tudo aí, e o significado também, embora precise ser desocultado.

O que a fenomenologia busca é chegar ao fenômeno, ao que se mostra, para chegar àquilo que a coisa é. Ela é necessária porque os fenômenos não estão evidentes *para o nosso olhar habitual*.

A pergunta que se coloca, então, é: como é possível o Sujeito desvelar o fenômeno (aquilo que se mostra), se esse Sujeito encontra-se num mundo já dado, de conceitos, valores, hábitos, crenças?

Esta é a questão para a qual Husserl nos alertou, mostrando que fora da consciência da própria existência não há mais que ocultação, tanto no que se refere ao Sujeito, como no referente ao Objeto. Este ponto permanecerá conosco para nossa reflexão sobre o trabalho do Pesquisador em Educação.

### III - Fenomenologia e Psicologia

As críticas de Husserl à ciência e à Psicologia não contestavam o valor da Psicologia moderna, nem tão pouco desacreditavam os trabalhos experimentais. Revelavam, isto sim, lacunas. Ele nada tinha contra a Psicologia científica, apenas acreditava que a existência da Psicologia como era feita criava conflitos entre as exigências da Psicologia (como ciência de determinação exterior da conduta do homem) e as exigências (de interioridade) da Filosofia racional pura. E a busca de compreender o ser humano naquilo que ele faz e é se fragmentava.

---

(1) Vida consciente – vida da qual emerge o significado, o que tem sentido para o sujeito.

Consciência a que se refere a Fenomenologia é a consciência implícita no existir, não acrescenta algo novo à existência, mas a constitui, fazendo dela o que ela é.

Husserl considerava indispensável que através dos acontecimentos psicológicos se revelasse um sentido, irredutível às particularidades do fato. O empenho era na apreensão de significações universalmente válidas através da experiência<sup>2</sup> do Sujeito. A emergência do verdadeiro através do fato psicológico Husserl chamou intuição das essências<sup>3</sup> (*Wesenschau*). Para isso é necessário não só viver a experiência mas distinguir seu sentido e significação. A intuição das essências é para Husserl a explicação do sentido ou da essência a que a consciência visa e para a qual se acha orientada. A visão das essências baseia-se simplesmente na possibilidade de distinguir o fato e o que através dele vivemos. O fato não teria sentido para nós se não se apresentasse como sentido para a consciência. Husserl afirmava: se é verdade que o Sujeito no mundo sofre sua ação, esse Sujeito é também o que pensa o mundo; portanto, se é verdade que o Sujeito empírico é uma parte do mundo, é igualmente verdade que o mundo nada mais é que um objeto intencional<sup>4</sup> para o Sujeito.

Mostra, em suas obras, que a Psicologia tem feito da consciência um objeto de constatação, através da indução. Porém, se não conhecermos a consciência a que esta indução visa a determinar, ela permanece cega. É necessário, então, combinar a indução com um conhecimento reflexivo. Assim o conhecimento dos fatos, que pertencem à Psicologia, precisa estar acompanhado da significação desses fatos e dessas relações, que é tarefa da Fenomenologia, que busca distinguir o sentido daquilo que os fatos mostram.

#### IV - Atitude fenomenológica do pesquisador em educação

O que a Fenomenologia traz para o pesquisador não é uma resposta, mas sim um ponto de partida: o de voltar-se para a ação humana e buscar seus significados no "*mundo da vida*" como Husserl denomina, que para Heidegger é o "*ser-no-mundo*", e para Merleau Ponty o "*mundo vivido*". O pesquisador renuncia assim à atitude de apenas constatar ou comprovar dados, e busca compreendê-los na totalidade da vida da pessoa com quem lida.

---

(2) Experiência – consciência do vivido.

(3) Intuição da essência – é uma apreensão reflexiva do que já está sendo captado pre-reflexivamente. Intuição entendida como a habilidade de conscientemente abarcar o significado. Essência entendida como conjunto de características que define aquilo que algo é.

(4) Objeto intencional é aquele que para o qual a consciência está orientada devido à intencionalidade ou seja, a propriedade fundamental do conhecimento humano (visto pela Fenomenologia) como presença imediata do Sujeito "*iluminando*" o objeto para o qual se volta. Característica do conhecimento de uma maneira de ser – envolvido – no mundo. Intencionalidade vem do latim "*tendere*" que quer dizer expandir-se. Quando se fala intencionalidade refere-se ao expandir-se da consciência para o mundo.

Assim, por exemplo, um pesquisador na escola vai se aproximar do cotidiano (da vida de todo dia) da criança. Deixa de lado a atitude naturalista de recolher dados pré-estabelecidos e padronizados. Desenvolve uma atitude diferente dessa, experienciando o mundo com a criança, atento a tudo que ela faz, diz, pensa, expressa, em diferentes situações, em suas relações com pessoas e objetos, para compreender como ela é.

## Descrição<sup>5</sup>

A Fenomenologia é descritiva em seu enfoque, em oposição à explanação e à construção, que são, respectivamente, tarefas da ciência e da filosofia, tradicionalmente.

O pesquisador vai registrar o que a criança mostra, fazendo uma Descrição com palavras do cotidiano e não através de explanação, ou forma de falar próprio da ciência, que revela uma consciência sofisticada. Essa descrição com palavras do cotidiano, e que revela uma consciência ingênua, é condição para captar o fenômeno, pois é uma consciência anterior à qualquer classificação ou explicação. O pesquisador irá pois descrever o que está em sua frente como se apresenta. Estando interessado na experiência do aluno, vai registrar o que ele diz, como diz, a entonação de sua voz, seus gestos, sua expressão, enfim tudo que a criança mostrar, em diferentes situações junto a ele (pesquisador) ou a outras pessoas, descrevendo também o outro nessa relação com a criança.

E aqui recolocamos a questão levantada no final do item II. Como o pesquisador sabe que sua Descrição refere-se ao que se mostra e não está a serviço de impressões, experiências anteriores, valores, teorias, etc.?

Através da reflexão<sup>6</sup> sobre o que ele registrou, quer discutindo com outras pessoas, quer revendo suas anotações. A tarefa aqui é poder ver com mais clareza o que se mostrou nas situações registradas; e identificar o que é da criança e o que se interpõe dele próprio pesquisador (valores, crenças, etc.), impedindo-o de perceber o que é da criança.

Em nossa experiência na formação de Aconselheiros escolares, diferentes recursos têm sido utilizados para que o profissional possa fazer o melhor possível essa Descrição. Temos utilizado exercícios de percepção; exercícios de descrição; discussão das próprias descrições de atendimento; supervisão dos atendimentos; análise de descrições de pesquisas realizadas neste enfoque.

---

(5) Descrição é considerada em Fenomenologia um caminho de aproximação do que se dá, da maneira que se dá e tal como se dá. Refere-se ao que é percebido do que se mostra (ou do fenômeno). Não se limita à enumeração dos dados como o Positivismo, mas pressupõe alcançar a essência do fenômeno.

(6) Reflexão – esforço para apreender o sentido ou essência do vivido.

## Interpretação<sup>7</sup>

Nem todos os fenomenólogos concordam em definir a fenomenologia apenas como descritiva, e acentuam seu caráter hermenêutico, ou seja, interpretativo. É assim enfatizado, na atitude fenomenológica, a abertura e acesso ao sentido, ou vários sentidos da Existência.

O pesquisador em educação procurará atingir o significado da maneira da criança agir na Escola, retirando de sua Descrição, das várias situações, as características que a criança revela e reitera em diferentes momentos. Aquilo que a criança repete estará evidenciando uma maneira própria de ser dessa criança e como ela percebe a situação, onde tal característica se manifesta.

A Interpretação fenomenológica vai trazer o significado imanente à ação da criança em situação, que cabe ao pesquisador desvelar. É fruto do que é percebido do vivido, relacionando tudo aquilo que foi registrado na Descrição. É a retomada do que aparece na Descrição que possibilitará ao pesquisador acesso ao sentido da ação na existência da criança.

Da mesma maneira que na Descrição o pesquisador fará uma reflexão rigorosa sobre sua Interpretação, para ter certeza de que não resulta de teorias ou experiências anteriores, que distorcem o que se mostra da criança.

É importante lembrar que a Interpretação do Pesquisador é sua maneira pessoal de perceber e compreender os dados da Descrição. A Fenomenologia deixa sempre aberta a possibilidade de que outras interpretações sejam feitas, ampliando assim a compreensão sobre a criança. O que assegura porém essa melhor compreensão daquilo que a criança é, é uma Descrição bem feita, que oferece material para a Interpretação.

Nos Cursos de formação de Aconselhadores, que trabalhavam no enfoque fenomenológico, ficou claro que algumas vezes vivenciavam situações com crianças, sem perceberem com clareza o que sucedia. Mesmo passando por supervisão desses atendimentos, discutindo o que haviam relatado a respeito e referindo-se à impropriedade de suas atitudes, no atendimento se repetia a situação confusa! Isso evidencia nossa dificuldade de convergência e coerência no pensar, sentir e agir. E o caminho que temos proposto para lidar com esse nosso limite, ou característica, tem sido o de refletir sobre a própria vivência e experiência profissional – lidando com nossas facilidades e limites, com os traumas emocionais, pessoais ou frutos de ideologia<sup>8</sup>, tentando ter mais claro quem e como somos e assim estarmos mais abertos para o outro em sua existência.

---

(7) Interpretação – *"trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido aparente, em desdobrar os sinais de significação... há interpretação onde houver sentido múltiplo e é na interpretação que a pluralidade de sentidos torna-se manifesta"* (Ricoeur, 1978)

(8) Ideologia – entendida como lógica da ocultação e dissimulação que se baseia na idéia de uma sociedade e não no que acontece nessa Sociedade. As pessoas pensam, sentem, agem, guiados por essa ilusão da So-

## Referências bibliográficas

- BOSS, M. Encontro com Boss. *Daseinsanalyse*, 1, 1976. Publicação da Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial – ABATE.
- CIRIGLIANO, G.D.F. *Fenomenologia da Educação*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- FORGUIERI, Y.C., org. *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo, Cortez, 1984.
- HEIDEGGER, M. *Being and Time*. New York, Harter and Row Publisher, 1962.
- HEIDEGGER, M. *Sobre a essência da verdade*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970.
- JAPIASSU, H. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- LYOTARD, J.F. *A fenomenologia*. Lisboa, Ed's 70, 1986. (original de 1954).
- LUIJPEN. *Introdução à fenomenologia existencial*. SP, EPU, 1973 (original 1969).
- MARTINS, J. & BICUDO M.V. *Existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo, Moraes, 1983.
- MARTINS, J & DICHTCHEKENIAN, M.F.F., org. *Temas de fenomenologia*. São Paulo, Moraes, 1984.
- MASINI, E.F.S. *Aconselhamento Escolar: uma proposta alternativa*. São Paulo, Ed. Loyola, 1984.
- MASINI, E.F.S. *O perceber e o relacionar-se do portador de deficiência visual – orientando professores especializados*. São Paulo, 1990. (Tese de livre-docência apresentada à Faculdade de Educação da USP).
- MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo, Edição Saraiva, 1973.
- RICOEUR, P. *Interpretação e ideologia*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1977.
- SMART, B. *Sociologia, fenomenologia e análise marxista*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

**SUMMARY:** *The purpose of this article is to introduce to the investigator of Education some points of the phenomenological approach as a way of understanding the human being.*

**KEY-WORDS:** *Phenomenology. Philosophy of Education. Psychology of Education.*

(Recebido para publicação em 27.09.91 e liberado em 26.11.92)

---

cidade, sem estar atentos ao que acontece. A consciência fica na aparência e forja explicações a partir das idéias da Sociedade.